

# Derivando a estrutura dos compostos V-N

(Deriving V-N compounds structure)

Vitor Augusto Nóbrega<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)

vitor.augusto.nobrega@usp.br

**Abstract:** In this paper, the general morphosyntactic properties of V-N compounds were studied from a cross-linguistic perspective, based on the languages in which this word formation process is still productive, namely Romance and Bantu languages. Issues related to argument structure, agreement relations and agent-instrument interpretation of V-N compounds were explored in order to suggest how they are formed in a non-lexicalist approach to grammar – namely, the Distributed Morphology framework – employing a syntactic derivation driven by a feature-valuation system.

**Keywords:** Morphology; Compounding; V-N compounds; Distributed Morphology.

**Resumo:** Neste artigo, reunimos as propriedades morfossintáticas gerais dos compostos V-N, a partir de dados translinguísticos retirados das línguas em que esse modo de formação de palavras é descrito como produtivo, a saber, as línguas românicas e as línguas bantas. Exploramos questões referentes à estrutura argumental, concordância e interpretação agente-instrumento desses compostos, a fim de sugerir como eles são formados em um modelo não lexicalista de gramática – a Morfologia Distribuída – fazendo uso de uma derivação sintática governada por um sistema de valoração de traços.

**Palavras-chave:** Morfologia; Composição; Compostos V-N; Morfologia Distribuída.

Compostos V-N são caracterizados por apresentar um constituinte verbal (V) e um constituinte nominal (N) concatenados em uma estrutura sintaticamente endocêntrica, na qual se estabelece uma relação de subordinação predicado-argumento. Esse modo de formação de palavras é atestado em diversas famílias linguísticas, porém varia nos graus de produtividade sincronicamente.

Nas línguas românicas, por exemplo, a composição V-N é descrita como um processo amplamente produtivo, o que pode ser verificado nas descrições do italiano (SCALISE, 1992; BISELTO, 1999), do espanhol (RAINER; VARELA, 1992), do francês (DESMETS; VILLOING, 2009), do português europeu (RIO-TORTO; RIBEIRO, 2012) e do português brasileiro (SANDMANN, 1989; MORENO, 1997).

Nas línguas bantas, esse tipo de composição é considerado produtivo em poucas línguas, por exemplo, no chichewa (MCHOMBO, 2004), e restrita nas demais, como no bemba, no swahili e no gĩkũyũ (BASCIANO; KULA; MELLONI, 2011). Nas línguas germânicas, eslavas e no chinês, a composição V-N, embora tenha sido produtiva em algum momento, foi substituída pelos compostos sintéticos<sup>1</sup> (e.g., no inglês, *truck-driv-er* lit. caminhão-dirigir-NOM ‘motorista de caminhão’) (BASCIANO; KULA; MELLONI, 2011).

<sup>1</sup> Compostos sintéticos apresentam uma relação argumental verbo-complemento, acrescida de um morfema sufixal, seguindo a ordem N-V.

Exemplos desses dados estão elencados em (01), representados por uma língua de cada uma das famílias linguísticas supramencionadas:

(01) a.	limpa-vidro(s) <sup>2</sup> ;	fura-olho	(Português Brasileiro)
b.	<i>m-tola-nkhâni</i> ; MC <sup>3</sup> -pega-notícia “repórter”	<i>m-pala-matabwa</i> MC-raspa-madeira “carpinteiro”	(Chichewa)
c.	<i>tattle-tail</i> ; tagarela-história “fofoqueiro(a)”	<i>turn-coat</i> vira-casaco “vira-casaca”	(Inglês)
d.	<i>hù-xiōng</i> ; protege-peito “protetor de peito”	<i>sī-jī</i> opera-máquina “motorista”	(Chinês)
e.	<i>goli-broda</i> ; apara-barba “barbeiro”	<i>rzezi-mieszek</i> corta-bolsa “batedor de carteira/trombadinha”	(Polonês)

Dentro desse panorama translinguístico, iremos nos concentrar nas propriedades gerais presentes nesses dados, levando em consideração as descrições das línguas em que esse processo de formação de palavras é sincronicamente produtivo, a saber: as línguas românicas e as línguas bantas (em particular, o chichewa) – dando um destaque, sempre que possível, aos dados do português brasileiro (doravante, PB). Em seguida, abordaremos os principais problemas que circundam o tema, tais como: (i) a saturação da estrutura argumental do verbo interno ao composto, (ii) os casos de incompatibilidade nas relações de concordância (e.g.,  $O_{\text{MASC-SG}}$  *para-quedas*  $_{\text{FEM-PL}}$ ) e (iii) a interpretação agente (e.g., *desmancha-prazer*) ou instrumento (e.g., *limpa-vidros*) presente nesses dados.

Dessa forma, o artigo segue estruturado da seguinte maneira: na primeira seção, discutimos as propriedades gerais dos compostos V-N prototípicos de um ponto de vista translinguístico, comentando, em paralelo, os dados periféricos em relação à prototipicidade. Na segunda seção, apresentamos os problemas morfossintáticos que circundam o tema e as principais análises já sugeridas, assinalando quais são seus pontos fortes e fracos. Na terceira seção, expomos o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (doravante, MD) (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), sob o qual a nossa proposta se assenta, para, em seguida, sugerir uma análise que contemple os problemas suscitados e os explique como decorrentes da própria derivação da estrutura do composto, a partir de uma abordagem derivacional *bottom-up* para a construção da estrutura sintática, via um sistema de valoração de traços.

2 A marcação de número no nome interno ao composto é facultativa nos dados do PB.

3 MC = marcador de classe nominal.

## A composição V-N de um ponto de vista translinguístico

Com base nas descrições das línguas em que os compostos V-N são produtivos sincronicamente, filtramos suas propriedades gerais, as quais representam as formações prototípicas desses dados, e as elencamos em (02):

- (02) Propriedades gerais dos compostos V-N prototípicos
- i. São fundamentalmente nominais<sup>4</sup>;
  - ii. São formados por verbos transitivos (ou transitivizados);
  - iii. O constituinte nominal é interpretado como um argumento interno do verbo;
  - iv. O constituinte nominal deve ser nu;
  - v. São exocêntricos semanticamente;
  - vi. Formam nomes com interpretação de agente ou instrumento.

A prototipicidade aludida acima diz respeito às propriedades mais recorrentes dessa formação, embora algumas línguas apresentem compostos V-N que se distanciam em um ou outro aspecto das características nucleares supracitadas. No decorrer da seção, iremos comentar as propriedades elencadas, apontando, quando necessário, os casos periféricos à generalização, com vias a fornecer um quadro geral desses dados translinguisticamente.

Tomemos, primeiramente, a propriedade (02i), a qual descreve os compostos V-N como estruturas nominais. Apesar de serem nominais, esses compostos podem conter uma leitura adjetival, tal como em (03), devido ao seu caráter exocêntrico. Além disso, um grupo restrito de compostos V-N do italiano são claramente adjetivais, uma vez que não podem estar determinados, tal como pode ser verificado em (04) (cf. FRANCO, manuscrito):

- (03) a. [antena [corta-fita(s)]]; [porta [corta-fogo]] (Português Brasileiro)  
b. [*aiuola* [*sparti-traffico*]]; [*vano* [*porta-bagagli*]] (Italiano)  
[canteiro.de.flores [divide-tráfego]] [compartimento[*porta-malas*]]  
(FRANCO, manuscrito)  
c. [*vaisseau* [*brise-glace*]] (Francês)  
navio quebra-gelo  
d. [*monstruo* [*come-gente*]] (Espanhol)  
monstro come-gente  
(MAGNI, 2010, p. 6)

4 A propriedade (02i) pode ser vista como redundante ao explicitar que a categoria do composto é nominal, já que nas línguas românicas e germânicas essa parece ser a categoria comum das palavras compostas em geral. No entanto, isso não é verificável translinguisticamente. Se tomarmos como exemplo alguns dados de compostos V-N do chinês, a categoria do composto pode ser nominal ([*zhi<sub>v</sub>-ji<sub>N</sub>*]<sub>N</sub> lit. conhecer-REFL ‘amigo íntimo’), adjetival ([*kai<sub>v</sub>-xin<sub>N</sub>*]<sub>A</sub> lit. abrir-coração ‘feliz’) ou verbal ([*zhi<sub>v</sub>-dao<sub>N</sub>*]<sub>V</sub> lit. conhecer-estrada ‘conhecer’) (ZHANG, 2007).

- |      |   |  |            |
|------|---|--|------------|
| (04) | * <sub>[DP]</sub> <i>il/la mozza-fiato</i> ;<br>o/a corta-respiração;<br>'empolgante' | * <sub>[DP]</sub> <i>lo/la strappa-lacrime</i><br>o/a tira-lágrimas<br>'emocionante' | (Italiano) |
|------|---|--|------------|

(FRANCO, manuscrito)

A propriedade (02ii) diz que o constituinte verbal é um verbo transitivo/causativo ou um verbo de alternância. Demais tipos verbais, tais como verbos inergativos e verbos bitransitivos não foram atestados nos dados do PB, tampouco nas descrições das demais línguas românicas<sup>5</sup> (BOK-BENNEMA; KAMPERS-MANHE, 2006, p. 15) e no chichewa (MCHOMBO, 2004, p. 118).

A propriedade (02iii) descreve que o constituinte nominal é fundamentalmente interpretado como um argumento interno do constituinte verbal, o qual recebe papel temático de tema ou paciente (SCALISE, 1992; GRAČANIN-YUKSEK, 2006, para o italiano; RAINER; VARELA, 1992; SCHROTEN, 2010, para o espanhol; e BOK-BENNEMA; KAMPERS-MANHE, 2006, para o francês). No entanto, Bisetto (1999), Magni (2010), Mchombo (2004) e Basciano, Kula e Melloni (2011) mostram um conjunto de compostos V-N não-prototípicos no que concerne à relação do nome com o verbo. Em (05), por exemplo, os nomes internos ao composto são interpretados como um sujeito verbal, enquanto os nomes em (06) são interpretados como locativos:

(05) Nomes como sujeito

- |    |   |                                       |                                    |            |
|----|---|---------------------------------------|------------------------------------|------------|
| a. | <i>battiscopa</i><br><i>marciapiedi</i> | lit. bate-vassoura<br>lit. caminha-pé | ‘rodapé’<br>‘calçada’ <sup>6</sup> | (Italiano) |
|----|---|---------------------------------------|------------------------------------|------------|

(BISETTO, 1999, p. 503)

- |    |  |                                      |                         |           |
|----|--|--------------------------------------|-------------------------|-----------|
| b. | <i>pense-bête</i><br><i>trote-bebé</i> | lit. pense-besta<br>lit. galopa-bebê | ‘lembrete’<br>‘andador’ | (Francês) |
|----|--|--------------------------------------|-------------------------|-----------|

(MAGNI, 2010, p. 9)

(06) Nomes como locativo

- |    |                     |                   |               |            |
|----|---------------------|-------------------|---------------|------------|
| a. | <i>veille-matin</i> | lit. acorda-manhã | ‘despertador’ | (Francês)  |
| b. | <i>saltamontes</i>  | lit. salta-montes | ‘gafanhoto’   | (Espanhol) |

(DESMETS; VILLOING, 2009, p. 98)

- |    |                      |                   |              |            |
|----|----------------------|-------------------|--------------|------------|
| c. | <i>chi-gonambáwa</i> | lit. dorme no bar | ‘alcoólatra’ | (Chichewa) |
|----|----------------------|-------------------|--------------|------------|

(MCHOMBO, 2004, p. 117)

<sup>5</sup> Franco (manuscrito) cita alguns dados de compostos V-N do italiano com verbos inergativos (e.g., *corrimano* lit. corre-mão ‘corrimão’; *tremacuores* lit. treme-corações ‘trepidações’). No entanto, Antonietta Bisetto, comunicação pessoal, comentou que esses dados estão lexicalizados na língua e que um falante do italiano não cunharia, naturalmente, um composto V-N a partir de um verbo inergativo.

<sup>6</sup> Antonietta Bisetto, comunicação pessoal, comentou também que dados como os de (05a) estão lexicalizados, e, portanto, não apresentam uma estrutura interna sincronicamente. Seria importante verificar se os demais compostos V-N apresentados em (05) e (06) ainda contêm uma estrutura interna e se são produtivos nas línguas em questão.

A propriedade (2iv) diz que o constituinte nominal deve ser nu, ou seja, o nome interno ao composto deve ser indeterminado, pois a presença de um determinante leva à agramaticalidade do composto, tal como ocorre nos dados em (07). A ausência do determinante está intimamente relacionada com a leitura genérica desse nome, devido à impossibilidade em fazer referência a qualquer entidade ou objeto no mundo. Essa propriedade é verificada nas línguas bantas pela ausência do aumento no constituinte nominal, o qual é frequentemente relacionado ao determinante nas línguas românicas (cf. de DREU, 2008<sup>7</sup> apud BASCIANO; KULA; MELLONI, 2011).

- (07) a. \*Este objeto é um marca-as-páginas.
- b. \**Cet objet est un grille-le-pain.* (Francês)  
este objeto é um torra-o-pão  
“Este objeto é uma torradeira”.
- c. \**Quest’oggetto è um asciuga-i-capelli.* (Italiano)  
este objeto é um enxuga-os-cabelos  
“Este objeto é um secador de cabelos.”

A exocentricidade semântica atribuída aos compostos V-N, em (2v), está relacionada ao fato de que esses compostos “não denotam uma classe que pode ser derivada das classes denotadas por seus constituintes” (SCALISE; FABREGAS; FORZA, 2009, p. 60), ou seja, o composto não é um hipônimo de um de seus constituintes, tal como ocorre no composto N-N *peixe espada*, em que o composto todo denota um hipônimo do núcleo *peixe*. A exocentricidade semântica é uma propriedade comumente reiterada acerca desses dados, e pode ser endossada pelo uso adjetival desses compostos em alguns contextos, tal como vimos nos exemplos em (03).

Em resumo, adaptamos o quadro fornecido em Basciano, Kula e Melloni (2011, p. 239), a fim de reunir as principais propriedades presentes nos compostos V-N das línguas românicas – adicionando as características dos compostos V-N do PB – e das línguas bantas, reunidas pelas autoras supramencionadas:

---

7 de DREU, M. *The internal structure of the Zulu DP*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Leiden, Leiden, 2008.

**Quadro 1: Resumo das propriedades gerais dos compostos V-N prototípicos**

	<b>Românicas</b>	<b>Bantas</b>
<b>Estrutura argumental</b>	(N) é objeto direto de (V)	(N) é objeto direto de (V)
<b>Constituinte nominal</b>	Nomes plurais ou massivos (exceção PB: em que o nome interno pode vir no singular) <sup>8</sup>	Nomes plurais ou massivos
<b>Constituinte verbal</b>	Raiz verbal + vogal final	Raiz verbal + vogal final
<b>Nuclearidade semântica</b>	Exocêntricos	Exocêntricos
<b>Determinante em N</b>	Não	Não (aumento)
<b>Interpretação</b>	Interpretação agentiva/instrumental	Interpretação agentiva/instrumental

O que devemos reter dessa seção são os apontamentos resumidos no Quadro 1 acima, pois serão a partir deles que proporemos uma análise estrutural para os compostos V-N, a qual poderá ser aplicada a qualquer um dos dados prototípicos das línguas românicas e das línguas bantas.

### **Em se tratando de Compostos V-N**

Nesta seção, discutimos as principais questões que circundam a explicação dos compostos V-N, as quais devem ser abarcadas em uma análise coerente para esses dados, a saber: (i) a saturação da estrutura argumental; (ii) a interpretação agente ou instrumento e (iii) as relações de concordância presente nesses dados.

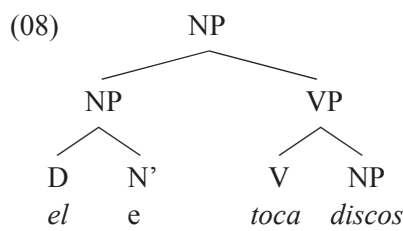
#### **Estrutura Argumental e Interpretação**

Dentre as principais questões levantadas para explicar os compostos V-N, a da estrutura argumental é a que mais se estende ao longo dos anos. O problema que se coloca é o seguinte, visto que o verbo interno aos compostos V-N é transitivo (i.e., prevê dois argumentos em sua grade argumental), e que, superficialmente, apenas o argumento interno é saturado, como explicar a saturação – ou não – do argumento externo previsto?

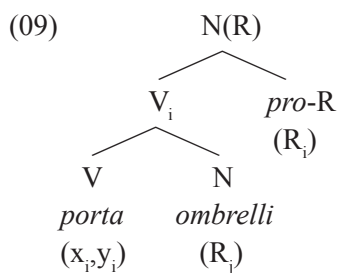
Grimshaw (1990) argumenta, para esses casos, que o argumento externo não pode ser saturado internamente ao composto, caso contrário, a formação não seria um predicado bem formado. Contreras (1985<sup>9</sup> apud NUÑES CEDEÑO, 1991) e Di Sciullo (1992) tomam uma posição oposta a de Grimshaw (1990) e assumem que o argumento externo é saturado internamente ao composto, como uma categoria vazia, ou como um *pro*, respectivamente, tal como pode ser visto nas representações em (08) e (09):

8 Nunes (2007, p. 30) explica que a ausência de marcação aberta de plural nos dados de compostos V-N do PB é consequência de uma reanálise envolvendo indefinidos plurais, visto que no PB, em decorrência da marcação de plural ocorrer apenas no determinante, podemos encontrar sentenças em que o objeto é um sintagma singular nu (e.g., O João nunca compra livro) em vez de um sintagma plural nu (e.g., O João nunca compra livros).

9 CONTRERAS, H. Spanish Exocentric Compounds. In: NUESSEL, F. (Org.) *Current issues in hispanic phonology and morphology*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1985. p. 14-27.



(CONTRERAS, 1985)



(DI SCIULLO, 1992)

Di Sciullo (1992) argumenta que a presença de um *pro*, nos compostos do italiano, está em oposição à presença de sufixos agentivos nos compostos sintéticos do inglês, tal como *-er* (e.g., *truckdriver*). Esses sufixos são realizações do argumento externo do núcleo verbal, e o *pro* decorre da possibilidade de omissão do sujeito no italiano. Em favor dessa análise, a autora mostra que os dados do italiano não utilizam o sufixo agentivo *-tore*, semelhante ao sufixo *-er* do inglês, caso contrário o argumento externo seria preenchido mais de uma vez. Esse fato pode ser atestado na agramaticalidade dos dados em (10b) e (10c), nas combinações feitas a partir do composto *taglia-carte* lit. corta-carta ‘abridor de cartas’:

- (10) a. *taglia-tore* (Italiano)  
       cortar-dor  
       ‘cortador’  
       b. \**tagliatore-carte*  
       ‘cortador-carta’  
       c. \**carte-tagliatore*  
       ‘carta-cortador’

(DI SCIULLO, 1992, p. 72)

Além das questões argumentais, a assunção de um *pro* é responsável por garantir a interpretação agentiva ou instrumental. Isso implica que a posição de sujeito sentencial deve ser preenchida por um NP vazio que carrega o papel temático de agente ou instrumento, antes que o VP seja nominalizado para a formação do composto.

As propostas mencionadas acima foram atualizadas no trabalho de Bok-Bennema e Kampers-Manhe (2006), pois o argumento externo deixou de ser inserido pelo núcleo verbal e passou a ser uma exigência de um núcleo funcional *v* acima de VP. Com isso, as autoras propõem que os compostos V-N são o resultado da nominalização de um *v*P, e não mais de um VP. Argumentos para essa análise são encontrados na transitividade verbal (i.e., são, na grande maioria, verbos transitivos) e na checagem de Caso do objeto, já que é o núcleo de *v*P que desencadeia a sonda para o Caso acusativo do complemento de V. A estrutura de um composto V-N, portanto, fica como em (11):

- (11) *essuie-glasse* lit. limpa-vidro “limpador de para-brisa”  
       [<sub>NP</sub> N<sup>0</sup> [<sub>vP</sub> *pro* [<sub>v</sub> *essuie* [<sub>VP</sub> *essuie glasse*]]]]

Em resumo, parece ser plausível a presença de um *pro* nos compostos V-N, visto que eles garantem a interpretação agente ou instrumento do composto. Da mesma forma,

a nominalização de *vP* é a mais adequada, em termos estruturais, para a análise desses dados, já que explica como se dá a saturação verbal e garante, ao mesmo tempo, a marcação de Caso do complemento nominal.

Contudo, a análise de Bok-Bennema e Kampers-Manhe (2006) contém alguns problemas que devem ser esclarecidos, a saber: (i) o papel temático de agente e instrumento são dados na mesma posição? e (ii) o que fornece Caso para o *pro*? Procuramos responder essas questões, na quarta seção deste artigo, ao apresentarmos nossa proposta.

### Relações de concordância

Com relação aos traços morfológicos presentes nos compostos V-N, percebemos que há um descompasso nas informações de gênero e número entre a forma morfológica do composto e sua concordância sintática. Esses fenômenos, como veremos, sugerem que a relação de concordância ocorre entre diferentes peças da estrutura complexa do composto, uma vez que os traços morfológicos contidos no nome interno não representam os traços morfológicos do composto como um todo.

Tomando, primeiramente, as marcas de gênero, notamos um padrão distribucional nas relações de concordância, as quais levam em consideração a interpretação do composto, ou seja, se agentivo ou instrumental. Dessa forma, enquanto compostos V-N instrumentos desencadeiam concordância de gênero masculino – independentemente dos traços de gênero de seu nome interno –, os compostos V-N agentivos desencadeiam concordância de gênero natural, ou seja, as marcas de gênero nos determinantes e adjetivos dependem do gênero do referente. Tais padrões podem ser verificados nos dados trazidos em (12):

(12) a. *Compostos V-N instrumentos*

(o) conta-gota(s); (o) porta-mala(s); (o) para-raio; (o) saca-rolha(s); (o) mata-burro; (o) porta-avião(ões); (o) limpa-vidro(s); (o) lustra-móvel(is); (o) mata-barata; (o) tira-mofo.

b. *Compostos V-N agentivos*

(o/a) desmancha-prazer; (o/a) fura-olho; (o/a) quebra-galho; (o/a) sabe-tudo; (o/a) caga-regra(s).

Além desses padrões na distribuição do gênero, notamos um descompasso entre as informações de número nas relações de concordância, as quais, apesar de serem facultativas no PB, não desencadeiam concordância com determinantes e adjetivos quando são realizadas, tal como ocorre em (13):

(13) a. [O<sub>MASC.SG</sub> [conta-gotas<sub>FEM.PL</sub>]]

b. [O<sub>MASC.SG</sub> [para-quedas<sub>FEM.PL</sub>]]

c. [O<sub>MASC.SG</sub> [salva-vidas<sub>FEM.PL</sub>]]

d. [O<sub>MASC.SG</sub> [saca-rolhas<sub>FEM.PL</sub>]]

Gračanin-Yuksek (2006) atesta os mesmos descompassos nos compostos V-N do italiano. Em *poggia-testa* lit. descansa-cabeça ‘apoio para cabeça’, por exemplo, a morfologia que aparece no nome *testa* ‘cabeça’ é de gênero feminino, o que pode ser visto nas relações de concordância com o singular, em (14a), e com o plural, em (14b). Porém,



quando o nome *testa* é parte de um composto, a concordância estabelecida se dá com as marcas de gênero masculino tanto no singular, (14c), quanto no plural, (14d):

- (14) a. *una* /*\*un* *testa* (Italiano)  
a-F.SG a-M.SG cabeça  
“uma cabeça”
- b. *delle* /*\*dei* *teste/\*testi*  
algun-F.PL algun-M.PL cabeças  
“algumas cabeças”
- c. *un* /*\*una* *poggia-testa*  
a-M.SG a-F.SG descansa-cabeça  
“um apoio para cabeça”
- d. *dei* /*\*delle* *poggia-test-e/\*poggia-test-i*  
algun-M.PL algun-F.PL descansa-cabeça-F.PL/M.PL  
“alguns apoios para cabeça”.

(GRAČANIN-YUKSEK, 2006, p. 114-115)

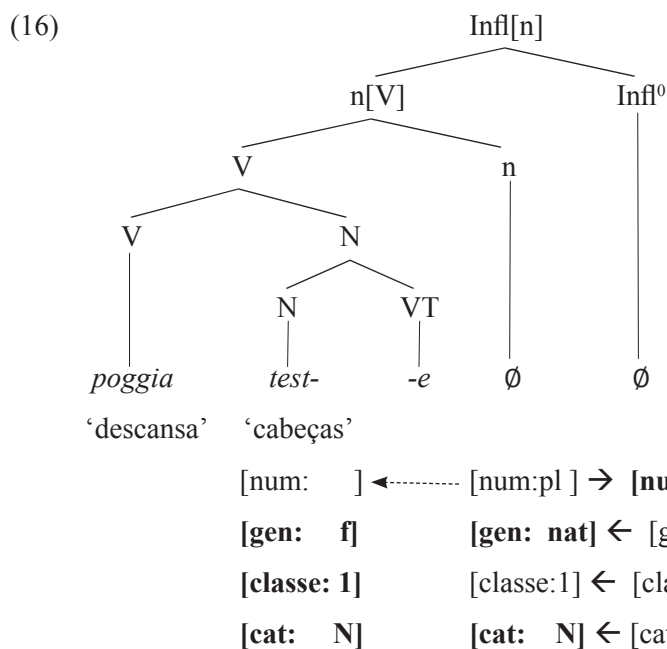
Para explicar esses casos, a autora recorre a uma abordagem de concordância sintática via compartilhamento de traços, empregando a operação *Agree* tal como definida em Pesetsky e Torrego (2004):

- (15) *Operação Agree* (PESETSKY; TORREGO, 2004 apud GRAČANIN-YUKSEK, 2006)
- i. Um traço não-valorado F (“uma sonda”) em um núcleo H na localização sintática  $\alpha$  ( $F_\alpha$ ) sonda seu domínio de c-comando para encontrar outro exemplar do traço F (“um alvo”) na localização  $\beta$  ( $F_\beta$ ), com o qual concordará.
  - ii. Substitua  $F_\alpha$  por  $F_\beta$  para que o mesmo traço esteja presente em ambas as localizações.

A partir disso, a autora assume que os traços presentes em um item lexical nominal são: gênero, classe, categoria e número. Desses traços, apenas o traço de número vem não-valorado do léxico, ou seja, não especificado. Seu valor será dado pelo traço valorado de número (NumF) presente em uma projeção funcional Infl<sup>o</sup>, logo acima do radical nominal, através do sistema de compartilhamento de traços definido em (15).

A autora assume, ainda, um núcleo nominalizador n<sup>o</sup> acima de V, responsável por trazer as informações de gênero com a qual o determinante concordará, uma vez que esse núcleo estará mais próximo de D em uma relação de c-comando. Por uma questão de uniformidade, tanto o núcleo de n<sup>o</sup> quanto o núcleo de Infl<sup>o</sup> contêm os demais traços presentes no radical nominal, porém apenas a vogal temática nominal realizará fonologicamente a matriz de traços do nome, já que as informações de gênero e número são realizadas por um único morfema no italiano.

Dessa forma, a estrutura de um composto V-N fica representada como em (16). Nela, os traços valorados dos núcleos em questão estão marcados em negrito, e a direção do compartilhamento de traços está marcada pelas setas:



(GRAČANIN-YUKSEK, 2006, p. 121)

Embora não assuma a presença de um vP, a autora mostra a necessidade da formação de um domínio acima do núcleo verbal, o qual será responsável por conferir a informação categorial e a determinação das informações de gênero e número do composto. Essa solução atinge também os compostos V-N das línguas bantas, pois os marcadores de classe do nome interno ao composto não são os mesmos do composto todo (BASCIA-NO; KULA; MELLONI, 2011), o que requer a presença de um domínio capaz de inserir uma nova informação de classe.

Contudo, a proposta de Gračanin-YukseK (2006) traz um problema com relação à definição de *Agree* assumida, a saber: como a sondagem é desencadeada para valoração do traço numF em n°, se o núcleo n° não c-comanda Infl°, de acordo com a exigência feita em (15i)? Respondemos essa questão utilizando um sistema de valoração de traços baseado na proposta de Wurmbrand (no prelo), no qual a valoração se dá por uma inversão nas direções da operação *Agree*, tal como veremos na quarta seção.

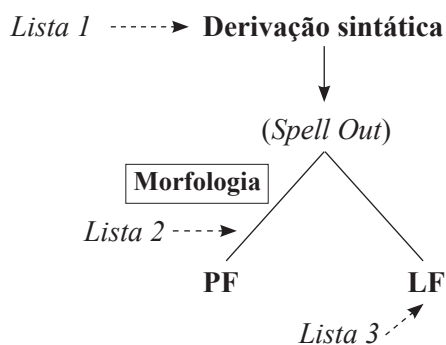
## A Morfologia Distribuída

A MD é uma abordagem não-lexicalista para a gramática, na qual a interface entre a sintaxe e a morfologia procura ser a mais transparente possível, uma vez que, nessa abordagem, as mesmas operações responsáveis pela formação de sentenças (i.e., *Merge* e *Move*) são também responsáveis pela formação de palavras. Desse modo, tanto palavras quanto sentenças são geradas no mesmo espaço computacional: a sintaxe.

Nessa visão de gramática, o que era tipicamente assumido como informação presente no léxico foi distribuído pela arquitetura da gramática na forma de três listas. A *Lista 1* contém os primitivos que entram na derivação sintática, ou seja, raízes ( $\sqrt{\quad}$ ) e morfemas abstratos, os quais são constituídos de feixes de traços gramaticais (e.g., [*n*], [*v*], [*perfectivo*], [*plural*]). A *Lista 2* contém os itens de vocabulário (IVs), ou seja,

conexões entre um conjunto de traços gramaticais e seus respectivos traços fonológicos, e a *Lista 3*, por fim, contém as entradas enciclopédicas que relacionam IVs a significados. Com isso, a arquitetura fica reformulada como em (17), abaixo:

(17) Arquitetura da gramática para a MD



Um composto derivado na gramática delineada pela MD deve, portanto, ser formado a partir das operações presentes na sintaxe. Além disso, um domínio deve ser criado a fim de que a sintaxe interprete essa estrutura gerada como uma única unidade sintática – embora ela possa conter uma estrutura interna quase sentencial, tal como é o caso dos compostos V-N. Em resumo, um composto deve ter a seguinte constituição nesse modelo:

(18) Compostos na MD

Um composto é formado quando dois ou mais núcleos complexos, em determinada relação sintática<sup>10</sup>, são recategorizados por um núcleo categorizador – *n*, *v* ou *a*.

Uma vez que a sintaxe opera apenas com traços gramaticais – visto que as informações fonológicas, ou seja, os IVs, são inseridas tardiamente – empregamos um sistema de valoração de traços para a construção da estrutura sintática, tanto em termos de seleção morfológica quanto de seleção argumental, fazendo uso da Condição do *Merge* proposta em Wurmbrand (no prelo), a ser descrito na próxima seção.

### Derivando os Compostos V-N em um sistema de valoração de traços

A visão derivacional que assumimos para a MD está baseada, essencialmente, na abordagem sintática para seleção proposta em Wurmbrand (no prelo). Essa proposta traz uma preocupação relevante para a construção da estrutura sintática, pois tenta explicitar como as relações de seleção entre as projeções presentes na estrutura sentencial estão codificadas na gramática, ou seja, o que permite que determinada projeção se concatene a outra durante a derivação.

A autora elabora um mecanismo estritamente local e determinístico para as relações de seleção argumental e morfológica, que induz um refinamento dos traços gramaticais presentes nos nós terminais ao impor condições à operação *Merge*. Em sua proposta, a operação *Agree* deve ser uma condição sob a operação *Merge*, e seu licenciamento está relacionado à satisfação de um traço, de acordo com a condição especificada abaixo:

<sup>10</sup> As relações sintáticas mencionadas dizem respeito à subordinação (i.e., relação predicado-argumento), atribuição (i.e., relação núcleo-modificador) e coordenação (i.e., relação conjuntiva, estabelecida por uma conjunção “e” ou “ou”).

(19) *Condição do Merge* (WURMBRAND, no prelo)

Concatene  $\alpha$  e  $\beta$  se  $\alpha$  puder valorar um traço de  $\beta$ .

A valoração desses traços, no entanto, não segue a visão padrão de *Agree*, tal como a de Pesetsky e Torrego (2004), apresentada em (15). Em vez disso, a autora assume um sistema de *Agree* invertido, aqui chamado de *Agree Reverso* (do inglês *Reverse Agree*, doravante, AR), no qual a valoração de um traço ocorre de cima para baixo. Nesse sistema, a interpretabilidade dos traços está dissociada da noção de valoração, ou seja, tanto traços interpretáveis quanto traços não-interpretáveis podem vir valorados [ $i/uF$ : val] ou não-valorados [ $i/uF$ : \_\_\_] da numeração. Em (20), explicitamos as condições para o AR:

(20) *Agree Reverso – valoração de cima para baixo* (WURMBRAND, no prelo)

Um traço F: \_\_\_ em  $\alpha$  é valorado por um traço F: val em  $\beta$ , sse

- i.  $\beta$  c-comanda  $\alpha$  E
- ii.  $\alpha$  está acessível para  $\beta$  [acessível: não sofreu *Spell-Out*]
- iii.  $\alpha$  não valora {um traço de  $\beta$ }/ {um traço F de  $\beta$ }<sup>11</sup>

Dentro de uma abordagem de AR, a seleção morfológica não é determinada lexicalmente, mas reduz-se à *Agree* e, do mesmo modo, a estrutura argumental do verbo é vista como um conjunto de traços não-interpretáveis não-valorados que precisam ser valorados via *Agree* para que o *Merge* se realize.

Na MD, a derivação sintática inicia-se com a formação das palavras, e a primeira concatenação a acontecer é entre a raiz e um núcleo categorizador –  $n$ ,  $v$  ou  $a$ . Porém, para que essa concatenação ocorra, é necessário que se estabeleça uma relação de *Agree* entre esses dois elementos; e, para tanto, a raiz precisa conter um traço que possibilite sua participação nessa relação, caso contrário o *Merge* não ocorrerá. Por esse motivo, postulamos que a raiz contém um traço de borda R não-interpretável não valorado [ $uR$ : \_\_\_] que será satisfeito apenas quando um núcleo definidor de categoria – seja ele  $n$ ,  $v$  ou  $a$  –, contendo um traço R não-interpretável valorado [ $uR$ : val], entrar em uma relação de *Agree* com a raiz.

Os núcleos categorizadores, por sua vez, são vistos como feixes de traços. Tomemos, de início, o categorizador nominal, o qual contém o mesmo conjunto de traços do item lexical nominal em Gračanin-Yuksek (2006), a saber: categoria [ $ic$ : val]; pessoa, número e gênero [ $i\phi$ : \_\_\_] e classe [ $uC$ : val]. Somado a eles, assumimos um traço de tempo não-interpretável valorado [ $uT$ : val], o qual será responsável por possibilitar a recategorização de uma estrutura sintagmática a fim de gerar um composto. Esse último traço está em distribuição complementar com o traço de borda R [ $uR$ : val] do categorizador, pois os dois servem a diferentes propósitos – categorizar uma raiz, ou recategorizar uma estrutura quase sentencial.

<sup>11</sup> As relações sintáticas mencionadas dizem respeito à subordinação (i.e., relação predicado-argumento), atribuição (i.e., relação núcleo-modificador) e coordenação (i.e., relação conjuntiva, estabelecida por uma conjunção “e” ou “ou”).

O categorizador verbal  $v^{12}$  e o núcleo funcional  $v$  contém traços não-interpretáveis que, após valorados, são traduzidos semanticamente como seus argumentos. Por exemplo, os traços  $\phi$  são traduzidos como um “argumento de”, tanto para o categorizador  $v$  quanto para o núcleo funcional  $v$ , ou seja, o XP que valorar os traços  $\phi$  de  $v$  será interpretado como um argumento de  $v$  (i.e., o argumento interno), ao passo que o XP que valorar os traços  $\phi$  de  $v$  será interpretado como um argumento de  $v$  (i.e., o argumento externo). Além dos traços argumentais, do traço de categoria e do traço de borda R, o categorizador verbal  $v$  ainda traz um traço de tempo T não-interpretável não-valorado [ $uT$ : \_\_\_], que garante a inserção do núcleo categorizador via AR, e um traço de  $v$  não-interpretável não-valorado [ $uv$ : \_\_\_], a fim de permitir a inserção do núcleo de  $v^{13}$ .

O núcleo determinante (D), por sua vez, contém traços  $\phi$  interpretáveis e valorados, e um traço de  $v$ , o qual garante a atribuição de Caso do DP (cf. nota 13). Desse modo, a estrutura formada pelo categorizador nominal  $n$  será concatenada a um núcleo determinante a partir da valoração dos traços  $\phi$  de  $n$  por D, via AR. Contudo, não é comum a presença de definitude nos nomes internos aos compostos. Se tomarmos como exemplo os compostos V-N, a presença de um determinante torna o composto agramatical, já que esse nome não pode fazer referência a uma entidade ou objeto no mundo, tal como vimos nos dados em (07).

Dessa forma, como explicar a presença de traços  $\phi$  no nome interno ao composto se parece não haver a presença de um núcleo D correspondente à sua valoração? A primeira alternativa é dizer que o D pode não conter a informação de definitude, mas está presente para garantir a valoração dos traços  $\phi$  de  $n$ , os quais, como vimos, podem ser distintos dos traços  $\phi$  do composto, cf. exemplo (13). Essa alternativa, no entanto, exige que expliquemos como os traços  $\phi$  desse D, destituído de definitude, não são preenchidos no componente fonológico após o *Spell-Out* sintático.

Outra alternativa é dizer que os traços  $\phi$  dos nomes internos à composição já vêm valorados, e, por isso, um núcleo D não se concatena a eles. Nessa solução, garantimos que os traços  $\phi$  do nome interno ao composto possam ser distintos dos traços  $\phi$  do composto, ao mesmo tempo em que explicamos por que os nomes usados na composição são diferentes dos nomes utilizados isoladamente<sup>14</sup>. Acreditamos que essa segunda alternativa é a mais adequada, pois parece captar de maneira direta as informações dadas pela empiria. Em resumo, assumimos que os traços  $\phi$  dos categorizadores nominais de nomes internos ao composto são valorados, enquanto os traços  $\phi$  dos categorizadores nominais, responsáveis por recategorizar a estrutura sintática, não são valorados, já que o composto é visto como um nome utilizado isoladamente.<sup>15</sup>

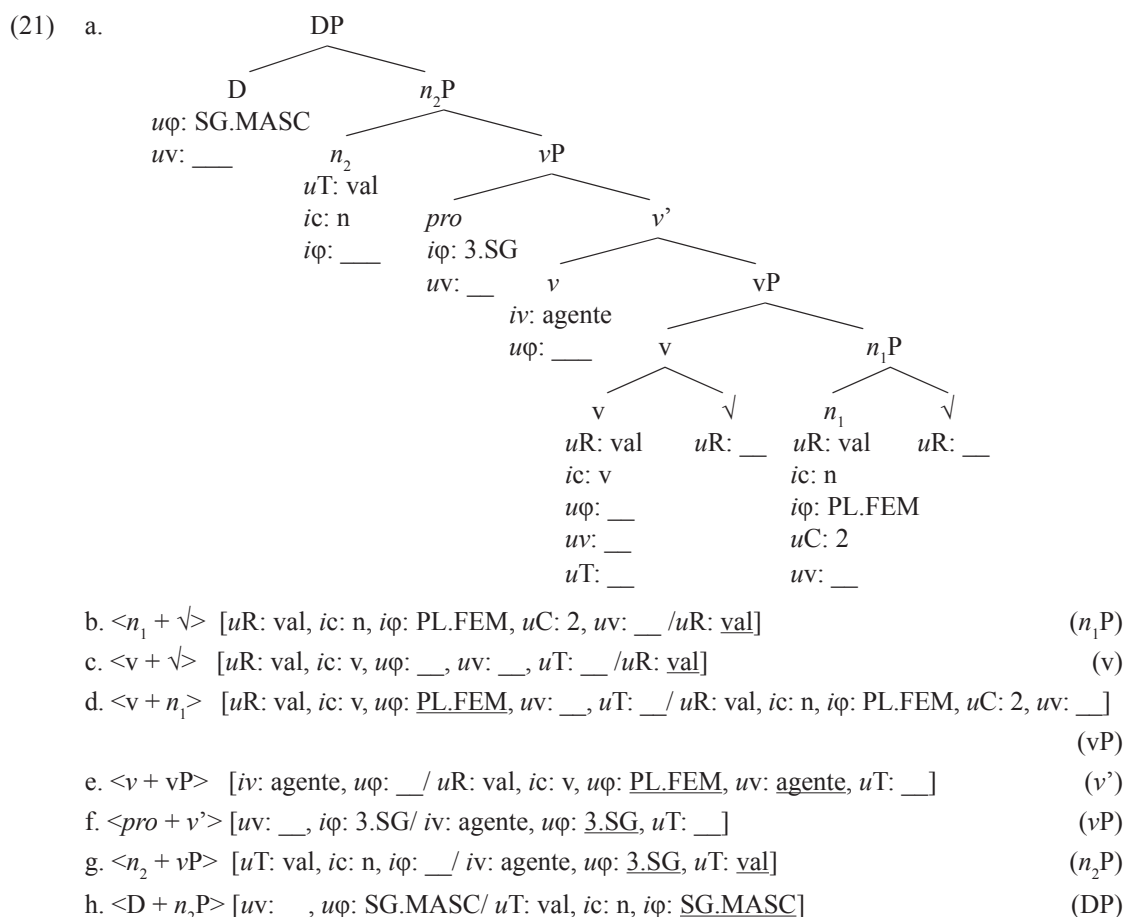
12 Segundo Wurmbrand (no prelo), a terceira condição é necessária para prevenir que dois nós irmãos valorem um ao outro (e.g., quando T se concatena com um AuxP, T valorar o  $uT$ : \_\_\_ de AuxP, mas AuxP não pode valorar o  $uT$ : \_\_\_ de T).

13 O  $v$  está para V e designa o núcleo definidor de categoria verbal, já que, em nossa abordagem, o núcleo verbal deve ser gerado sintaticamente. Dessa forma, fazemos uma distinção entre  $v$  (sem itálico), núcleo definidor de categoria, e o  $v$  (italicizado), introdutor de argumento externo.

14 Para a marcação de Caso, assumimos como Wurmbrand (no prelo), a proposta de Pesetsky e Torrego (2007), em que o Caso corresponde a um traço não-interpretável de  $v$  – no caso, V para os autores – em um DP, o qual será lido como nominativo se for valorado por T, ou acusativo, se for valorado por  $v$ . Isso garante que ambos os argumentos verbais, tanto o argumento interno do composto, quanto o *pro*, recebam marcação de Caso.

15 Legate (2012) recorre a uma solução semelhante para diferenciar o  $v$  transitivo e o  $v$  de construções passivas. A autora propõe que o  $v$  de construções passivas são inseridos com seus traços  $\phi$  valorados, o que elimina a necessidade de inserção de um argumento externo e, ao mesmo tempo, fornece a semântica de que há um sujeito implícito.

Por fim, propomos que a estrutura de um composto V-N deve ser como em (21a), na qual está representada a derivação de um composto com incompatibilidade nas marcas flexionais, tais como aqueles presentes no exemplo (13), e.g.  $O_{\text{MASC-SG}} \text{salva-vidas}_{\text{FEM-PL}}$ . Além disso, cada morfema abstrato que compõe a estrutura sintática está apontado com seus respectivos feixes de traços. De (21b) a (21h), estão representadas as valorações de cada passo da operação *Merge*, indicados por < >, após o AR ter se aplicado (os traços adquiridos via valoração estão sublinhados):<sup>16</sup>



## Considerações finais

Neste artigo, fornecemos uma proposta estrutural para os compostos V-N dentro de uma visão de valoração de traços para a construção da estrutura sintática. Dentro dessa abordagem, conseguimos explicar os problemas argumentais e aqueles concernentes às suas informações morfológicas como decorrentes da própria derivação da estrutura. A interpretação agentiva ou instrumental é dada pela presença de um *pro* realizado como argumento externo do núcleo verbal, e as diferenças das marcas flexionais do composto – com relação às marcas do constituinte nominal interno a ele – são fornecidas por um núcleo categorizador que se concatena logo acima do núcleo de *vP*.

16 As valorações relativas à marcação de Caso não estão representadas em (21), embora os traços de *v*, responsáveis pela sua atribuição, estejam apontados na estrutura. É importante mencionar que o *pro*, em (21a), tem seu Caso atribuído pelo traço T presente no categorizador nominal responsável por categorizar a estrutura.

## REFERÊNCIAS

- BASCIANO, B.; KULA, N.; MELLONI, C. Modes of compounding in Bantu, Romance and Chinese. *Rivista di Linguistica*, v. 23, n. 2, p. 203-249, 2011.
- BISETTO, A. Note sui Composti VN dell'Italiano. In: BENINCA, P.; MIONI, A.; VANELLI, L. (Org.) *Fonologia e Morfologia dell'Italiano e dei Dialetti d'Italia*. Roma: Bulzoni, 1999. p. 555-589.
- BOK-BENNEMA, R.; KAMPERS-MANHE, B. Taking a closer look at Romance VN compounds. In: NISHIDA, C.; MONTREUIL, J-P. Y. (Ed.) *New Perspectives on Romance Linguistics: Vol. I: Morphology, Syntax, Semantics, and Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 13-27.
- DI SCIULLO, A-M. Deverbal Compounds and the External Argument. In: ROCA, I. (Org.) *Thematic Structure. Its Role in Grammar*. Dordrecht: Foris, 1992. p. 65-72.
- DESMETS, M.; VILLOING, F. French VN lexemes: morphological compounding in HPSG. In: MÜLLER, S. (Org.) *Proceedings of the HPSG09 Conference*. Stanford: CLSI Publications, 2009. p. 89-109.
- FRANCO, L. *Romance VN compounds, Phrasal Spell-Out and Rebooting*. (Manuscrito).
- GRAČANIN-YUKSEK, M. V-N Compounds in Italian. A case of agreement in word formation. In: NISHIDA, C.; MONTREUIL, J-P. Y. (Ed.) *New Perspectives on Romance Linguistics*. v. I. Morphology, Syntax, Semantics, and Pragmatics. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 113-126.
- GRIMSHAW, J. *Argument Structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Org.) *The view from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- LEGATE, J. A. Subjects in Achenese and the nature of the passive. *Language*, v. 88, n. 3, p. 495-525, 2012.
- MAGNI, E. From the periphery to the core of Romance [VN] compounds. *Lingue e Linguaggio*, v. IX, p. 3-39, 2010.
- MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own Lexicon. In: DIMITRIADIS, L. S.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. (Org.) *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium – Penn Working Papers in Linguistics*, v. 4, n. 2, p. 201-225, 1997.
- MCHOMBO, S. *The Syntax of Chichewa*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MORENO, C. *Morfologia Nominal do Português: Um Estudo de Fonologia Lexical*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – PUC-RS, Porto Alegre, 1997.

NUÑES CEDEÑO, R. A. Headship assignment resolution in Spanish compounds. In: CAMPOS, H.; MARTÍNEZ-GIL, F. (Org.) *Current Studies in Spanish Linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 1991. p. 537-598.

NUNES, J. Triangulismos e a sintaxe do português brasileiro. In: CASTILHO, A. T. et al. (Org.) *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo: Fapesp; Campinas: Pontes, 2007. p. 25-35.

PESETSKY, D.; TORREGO, E. Tense, Case and the nature of syntactic categories. In: GUÉRON, J.; LERCARME, J. (Org.) *The syntax of time*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2004. p. 495-537.

\_\_\_\_\_. The syntax of valuation and the interpretability of features. In: KARIMI, S.; SAMIIAN, V.; WILKINS, W. (Org.) *Phrasal and clausal architecture*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 262-294.

RAINER, F.; VARELA, S. Compounding in Spanish. *Rivista di Linguistica*, v. 4, n. 1, p. 117-142, 1992.

RIO-TORTO, G. M.; RIBEIRO, S. Compounds in Portuguese. *Probus*, v. 24, n. 1, p. 119-145, 2012.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.

SCALISE, S. Compounding in Italian. *Rivista di Linguistica*, v. 4, n. 1, p. 175-199, 1992.

SCALISE, S.; FÁBREGAS, A.; FORZA, F. Exocentricity in Compounding. *Genko Kenkyu*, v. 135, p. 49-84, 2009.

WURMBRAND, S. The Merge Condition: a syntactic approach to selection. In: KOSTA, P.; SCHÜRCKS, L.; FRANKS, S.; RADEV-BORK, T. (Org.) *Minimalism and Beyond: radicalizing the interfaces*. Amsterdam: John Benjamins. [no prelo].

ZHANG, N. N. Root Merger in Chinese Compounds. *Studia Linguistica*, v. 61, n. 2, p. 170-184, 2007.